

N.º 108 — Lisboa, 24 de fevereiro

5.^o
ANNO
1915

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração—Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 » | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 »
Cobrança pelo correio..... 5100 » | Estrangeiro, anno 52 numeros... 35000 »

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Anuario Commercial
5, Calçada da Gloria, 5

IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

Ordem do dia

E. N.

*Typo do athleta pesado.
Costas largas e pescoço curto.
Face autoritaria. Sobrecenho despótico.*

Bocca imperiosa. Olhos miudos, que nunca olham para cima, para baixo, ou para o lado, mas de gume e a direito como uma faca de cortar papel.

O seu unico traço benigno é o seu nariz, pequeno, gracioso, quasi infantil.

Gesto dominador, mesmo quando é affectuoso. Andar prompto e saccudido.

Palavra comminativa. Mesmo quando pergunta—responde.

Natureza cesareana, conquistadora, aventureira, guerreira. Conservador por habito, revolucionario por temperamento. Qui-chote e Sancho Pança.

Pamphletario.





N.º 108 — LISBOA, 23 DE FEVEREIRO

5.
ANO
95

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 20 réis

Redacção e administração — **Rua dos Mouros, 37, 1.º**
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 32 num. 25000 rs. | Brazil, anno 32 numeros. 65000 rs.
Semestre, 26 numeros. 13000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correio. 51000 rs. | Estrangeir., anno, 32 numeros. . 33000 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data;
tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — **CAMBUJO CHAVES**
COMPOZIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

O PINHAL DA AZAMBUJA NO SECULO XX



O MODERNO SALTEADOR

ANTES DE COMEÇAR

O acontecimento doloroso que foi do dominio publico e que privou este semanario de caricaturas da direcção do seu fundador Raphael Bordallo Pinheiro obrigou-nos a interromper por algumas semanas a sua publicação, que recomeça com este numero.

Ho tomarmos conta da obra encetada por aquelle que foi o nosso

mestre e o nosso melhor amigo nós não hesitamos em reconhecer que o nosso sentimento está longe de ser o da confiança. Mas é preciso trabalhar. Elle não nos deixou a sua herança espiritual, mas deixou-nos a herança da sua actividade. Foi esta a profissão a que nos votou. O nosso lugar, sejam quaes for as nossas responsabilidades, é aqui.

Não desejamos tornar o registro d'este facto mais pessoal do que elle é. Os jornaes não nos pertencem a nós. Pertencem ao publico. Queremos no entanto esclarecer que, n'este momento, a nossa função não é "continuar,, o que seria responsabilidade demasiada, mas "começar,, o que já é responsabilidade bastante grande.

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.



A Cidade

Nós não sabemos se os republicanos são nocivos á monarchia, como pretendem alguns monarchicos, ou se lhe são uteis, como pretende o sr. Emygdio Navarro.

O que é certo é que os republicanos aquecem.

A ultima eleição de deputados, por exemplo, aqueceu.

Diz se, nós o sabemos, muito mal do suffragio. O homem compraz-se em deitar abaixo tudo quanto levanta. Ainda elle não tinha limpado das mãos as mascarras da polvora que queimou para fazer triumphar o regimen parlamentar e já o amaldiçoava com todas as suas forças. Mas não é menos certo que o suffragio é o cidadão, que o cidadão é a cidade e que a cidade é a patria. O gesto que o homem faz deitando n'uma urna de folha de Flandres um pedacito de papel branco é ainda o unico pelo qual elle affirma aquelle sentimento de solidariedade civil, religiosa, moral e

politica que o eleva acima do egoismo dos seus interesses proprios pelo cuidado que põe nos interesses communs. Votar pôde não ser sempre a expressão de um juizo perfeito, mas é sempre um bello gesto. Esse bello gesto teve-o Lisboa ha dois domingos e—não pensem em negal-o!—elle foi grato a todos, republicanos e monarchicos, menos pela porção de opiniões pessoaes que exprimiu do que pela somma de força cívica, geral e collectiva que denunciou. O voto de Lisboa envaideceu a totalidade dos portuguezes, sem distincção de côr politica.

Por isso mesmo o voto rural, se ainda nos é licito dar este nome aos subterfugios de que o governo se serviu para illudir a recente manifestação eleitoral, foi de todo o ponto deploravel, porque indispoz não um partido, vaidoso do seu triumpho, mas a nação, orgulhosa da sua vitalidade, e tudo no mundo é orgulho, mesmo o amor patrio. O governo não defraudou as esperanças d'este ou d'aquelle partido: deitou um balde d'agua fria em pleno coração da nação.

Nós não diremos que a nação votasse com Lisboa. Queremos mesmo crer que, aqui e ali, ella votou em um ou outro candidato conservador, posto estes factos não estejam absolutamente verificados; mas a verdade reconhecida na linguagem irritada dos jornaes de muito diversas côres politicas é que a evidente viciação de que a eleição de Lisboa se tornou objecto causou em todo o paiz um sentimento de profundo desconsolo. Precisamente quando o paiz se ufanava de ver resuscitar o cidadão, o governo enterrava-o.

Quanto a Lisboa, essa, não ha duvida, engrandeceu se.

Por muito que se diga que o prestigio das cidades é todo exterior, a verdade é que a sua gloria é a sua tradição cívica. Paris é muito mais significativo pelas suas revoluções do que pelos seus monumentos. Algumas eleições como a de domingo e Lisboa será uma capital muito mais cheia de factos do que de theatros e passeios, — unico privilegio que até agora lha tem sido concedido.

Por isso mesmo a artimanha politica que destruiu as suas velhas barreiras, incorporando na sua zona civica algumas despreziveis aldeolas suburbanas, é consideravelmente uma coisa condemnavel.

Os gregos e os romanos marcavam o recinto das suas cidades com um sulco de arado, que era criminoso transpor. Assim fizeram Romulo e os seus companheiros ao marcar rem no planalto do Palatino o lugar onde havia de ser Roma. Esses homens remotos tão tocantemente comprehendiam a significação do acto civico que praticavam ao erigir a Cidade, que nunca o faziam sem o acompanhar de uma expressiva cerimonia liturgica. Romulo revestiu-se de um traje sacerdotal e foi elle mesmo quem empunhou a rabiça do arado de cobre. Os seus companheiros seguiam-n'o em silencio e à medida que o arado ia levantando a terra, elles iam-n'a cuidadosamente apanhando e trazendo para dentro, para que d'essa terra sagrada não ficasse uma só parcella do lado de fóra. Assim significavam elles, por esta meticulosa operação, o meticoloso cuidado que punham em que a cidade pertencesse integralmente à cidade. A cidade era e ficou sendo o sanctuario do culto commun da patria, e já a fundação de Roma se perde nas brumas da lenda, ainda a cidade moderna permanece vedada e inviolavel.

Não assim Lisboa.

Lisboa não é uma cidade: é um elastico. Não tem barreiras fiscaes: sempre que um novo governo pretende lançar-lhe um novo tributo, estica-a. Não tem recinto civico: sempre que um novo governo quer um deputado por Lisboa ajunta-lhe um *post-scriptum*, que ora é a Moita, ora a Lourinhã. Foi sem duvida uma cidade: hoje é uma colcha de remendos. Não tem limite, não tem zona. A sua área é a indeterminação, é o capricho. Quando Lisboa é pequena e não chega, deita se-lhe um accrescimento, como a uma manga curta.

Assim, a Cidade pereceu. Ficou um campo aberto, onde entra tudo, das mais afastadas distancias: deputados e queijos saloios, trazidos em burros, por lavadeiras e almocreves.

Quem é de Lisboa?

Ter nascido em Lisboa é já uma incerteza, porque nascer em Lisboa, hoje em dia, é nascer um pouco na imaginação e no arbitrio, ora do sr. José Luciano, ora do sr. Hintze Ribeiro.

Lisboa n'uma palavra, não tem domicilio. E' uma cidade fluctuante, erradia, vagabunda...

JOÃO RIMANSO.

OS VENCIDOS DA AZAMBUJA



BERNARDINO MACPADO — Convertido á Republica, como Latino Coelho. Trouxe para a Republica o prestigio das suas opiniões conservadoras. Republicano á maneira lyrica de Lamartine. Patriota e pae. Divisa — *Crescei e multiplicai-vos.*



JOÃO DE MENCKES — Tradição revolucionaria. Republicano-socialista, são-simonista, blanquista, raspailhista, marxista, carbonario, maçom. Estaria em todas as barricadas, se as houvesse. Está em todos os comícios. E' Luiz Blanc em novo. Sobrio. Quando lhe propoem tomar alguma coisa, toma sempre — a Bastilha.



GUERRA JUNQUEIRO — O apocalypse. Ascetismo patriótico. Cenobitismo litterario. Está na Barca d'Alva, como Hugo esteve em Guernesey. Não se sabe, porém, o que está fazendo — se os *Chatiments*, se vinho madio.



ALEXANDRE BRAGA — Advogado. Eloquencia, verbo, gesto. Republicano-romantico. Byronianismo politico. Ama a democracia com a paixão de Manfredo. Divisa — *Mais ostras!*



ANTÓNIO JOSÉ D'ALMEIDA — Não é um homem: são os direitos do Homem. Está na lua de mel da popularidade. A Republica chama-lhe — meu anjo!



AUGUSTO DE VASCONCELLOS — O Moreira da Republica. Grande medico! Votam com elle todos os seus doentes, indistinctamente, á excepção dos mortos, que votam com o governo. Divisa de agitador — *Agite... quando usar.*



BETTENCOURT RAPOSO — Outro medico! A Republica tem o direito de dizer que se propõe salvar o paiz. Detalhe particular: é o cavalleiro andante da Democracia.

MODAS CONFECÇÕES

JOSÉ CUPERTINO RIBEIRO — Negociante, proprietario, capitalista. Divisa — *Liberdade, Igualdade & Fraternidade, em commandita.*

OS GRANDES
SYMBOLOS DA RUA
O CEGO E O SEU CÃO PILOTO



O DESTINO

O PAIZ

Gustavo Binda

A "PARODIA" a "40 réis

Raphael Bordallo Pinheiro costumava dizer que o seu grande erro ao fundar este jornal, fôra o de lhe ter arbitrado o preço de 20 réis.

A "Parodia" começou com effeito, com um exito excepcional, attingindo tiragens de cerca de vinte e cinco mil exemplares, o que, mesmo ao preço de 20 réis, era sufficientemente remunerador. Mas esse exito foi o de todos os jornaes que começam. Essas tiragens naturalmente baixaram e o nosso saudoso director e amigo pôde reconhecer que fizera um jornal excessivamente barato, ao considerar de um lado as pesadas despesas da publicação e do outro as suas insufficientes receitas. Os jornaes a côres são de uma factura dispendiosissima. A "Parodia", nos seus ultimos tempos, não tinha côres, o que fazia o desespero de Raphael. Este ultimo inverno elle pensava já em a fazer subir de preço e em restituir-lhe d'este modo o seu antigo brilho. Sempre, porém, hesitava, receando o publico. Nós lembravamos-lhe o Antonio Maria, que elle fizera vender a 60 réis, sem as famosas côres. Em fins de dezembro parecera decidir-se. Mas era tarde. O seu lapis cahia-lhe das mãos, e com elle, cahiam os seus projectos de vida nova e nova prosperidade.

Ao recomeçarmos, sem o seu grande e glorioso concurso, a publicação da "Parodia", o problema arduo do preço renovou-se e nós decidimos corajosamente resolvê-lo.

Pelo preço de 20 réis, por que este jornal se vendia, esperava-nos uma vida precaria. Que jornal poderiamos nós fazer? Uma triste folha de mau papel, impresso em uma má tinta negra? Antes renunciar a elle.

Foi então que definitivamente e intrepidamente fixamos este novo preço—40 réis. Ao fixar, porém, um preço novo, fixamos tambem o programma de uma vida nova.

O nosso papel era máo. Passa a ser excellent. Nos tiravamos a uma côr unica. Passamos a tirar a tres, a quatro. O nosso jornal não tinha uma capa, que o preservasse do contacto das mãos. Passa a tê-la. Essa capa é destinada a annuncios, que virão quando quizerem vir. Venham ou não, ella manter-se-ha e será, entretanto, illustrada todas as semanas, com a caricatura do *Homem do dia*, acompanhada de um breve perfil litterario. Finalmente, reatamos a tradição da folha humoristica illustrada, tal como a creou Raphael Bordallo Pinheiro, illustrando o texto e tornando-o assim, graças ao concurso da caricatura, mais expressivo e mais brilhante.

Por outro lado, a nossa collaboração é a mesma e é outra. E' a mesma, porque não prescindimos do concurso dos nossos antigos collaboradores e é outra porque novos collaboradores se lhes vieram juntar. Uns são já sobejamente conhecidos. Outros não o querem ser. O que nos consola d'este voluntario anonymato é que nenhuma mascara é mais transparente do que a do Espirito.

Dadas estas explicações, só podemos acrescentar que se ainda é possivel nas restrictas condições do nosso meio, emprender publicações d'este genero por preços baratos, nós, por nossa parte, não o admitimos senão com a condição de as fazer seguir de um exito, com que não contamos, ou de as fazer preceder do tributo magnanimo de uma fortuna pessoal, de que não temos o prazer de ser possuidores.

Sem o exito remunerador e sem uma fortuna generosa, os jornaes de caricaturas, a côres, baratos são uma aventura em que nós pelo menos não desejamos embarcar.

Que o publico comprehenda as nossas razões, como sendo as da maior boa-fé, é tu do quanto podemos desejar. E se elle nos secundar, tanto melhor. Teremos talvez com isso a ganhar,—um e o outro: nós pelo estimulo, elle pela recompensa.

A PARODIA.

Psychologia do bigode de um chefe de gabinete



Victoria do governo



Victoria da opposição



Victoria dos franquistas



Victoria dos republicanos

DEPOIS DA ELEIÇÃO

De Luiz Eugenio Leitão,
ao sr. Presidente do Conselho:

Espantosa votação!
Até me causa afflicção
Ver uma população
Toda de listas na mão
A votar na opposição!

Cá na minha opinião
Isto nem é eleição...
E' uma rebelião,
Uma insubordinação,
Que precisa repressão!

(Pausa)

Salvo melhor opinião...

LUIZ EUGENIO LEITÃO.

De Rodrigo Affonso
Pequito, ao mesmo:

Eleito pelo districto...
Ainda não acredito!
Seis mil votos, sem conflicto
E sem se ouvir um apito...
Francamente é bem bonito!

RODRIGO AFFONSO PEQUITO.



De Bernardino Machado
ao mesmo:

Sabe a gente deputado
E fica posto de lado...
Sim senhor! Muito obrigado!
Sou seu humilde creado

O BERNARDINO MACHADO.

EXPEDIENTE

Aos senhores assignantes
d'A PARODIA

(Circular)

Ex.^o Sr.

Conforme V. Ex.^a terá occasião de verificar pela exposição que é feita no presente numero da *Parodia*, sob a rubrica *A Parodia a 40 réis*, decidimos fixar n'esta somma o preço definitivo do nosso jornal, cujo custo, dados os melhoramentos que lhe introduzimos, exedia e em muito as nossas receitas habituaes.

Nestes termos, a assignatura de V. Ex.^a será encontrada no alludido preço, no caso de V. Ex.^a não reclamar o seu reembolso, reclamação que desde já nos promptificamos a satisfazer em todos os dias uteis, no escriptorio da nossa administração.

Somos, de V. Ex.^a
att.^{os} ven.^{res} obg.^{dos}

Carlos Martins.

GERENTE

Administração da PARODIA

R. dos Mourões, 37, 1.^o

LISBOA

POLITICA MODERNA-



A SENHORA MINISTRA

Por toda a parte se diz
Que é a Senhora Ministra
Quem gere agora o paiz.

Decerto a historia registra
Anomalias eguaes...
Mas tão potente ministra
Jamais!

Mas é falso o que se diz!
Com a Senhora Ministra
Dá-se outro caso mais serio:
Ella não gere o paiz...
— Digere-o!

THUG.

-CONSELHO DE MINISTROS

A' ultima hora
A revolução na Russia.

A' hora do nosso jornal entrar no prelo tivemos conhecimento de que chegara a Lisboa o seguinte telegramma, ao qual, pela sua excepcional importancia, damos excepcionalmente publicidade:

S. Petersburgo, 23.

O imperador acaba de aceitar o programma dos liberaes e de outorgar a Carta. Imenso regosio em toda a Russia. O povo concedeu ao czar o titulo de Nicolau, o Libertador. Projecta-se erigir-lhe estatuas equestres.

A nova Carta consigna o principio do suffragio universal. Organisaram-se dois partidos: o progressista e o regenerador, que tomaram por divisa o pensamento de Catarina II, contido nas palavras—*tiratetania paraqueeumepioniana*, que querem dizer—*qual de baixo, qual de cima*.

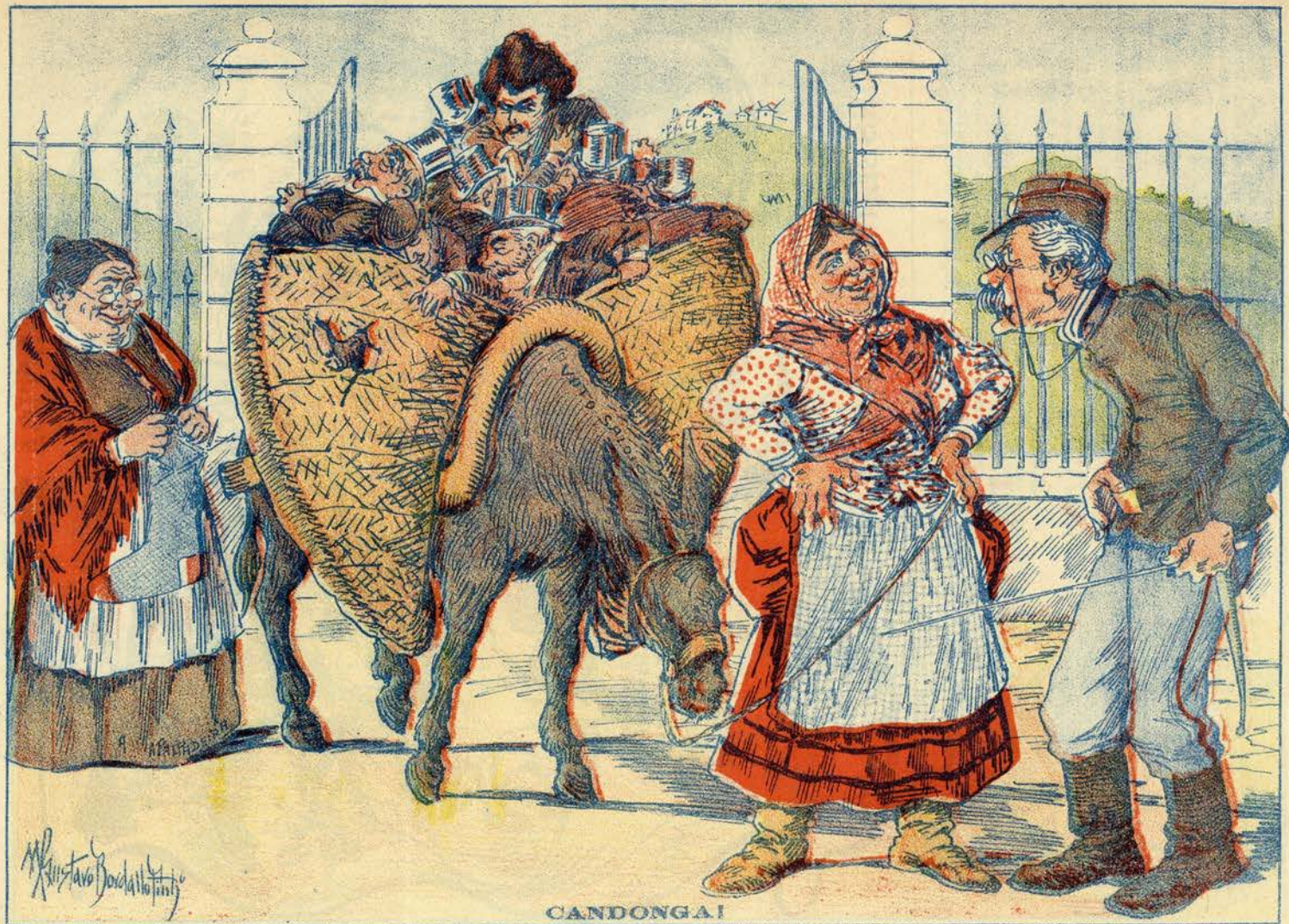
Está-se montando a machina eleitoral, segundo os melhores modelos constitucionaes. Foram pedidas amostras de urnas de fundo falso e a remessa de funileiros habilitados. A policia de S. Petersburgo está a ser ensaiada para votar.

Organisa-se a nobreza liberal. Maximo Gorki foi promovido a marechal Saldanha e feito enviado extraordinario junto do sr. Consiglieri Pedrosa. Tolstoi foi proclamado *bravo do Mindello*. Decidiu-se dar o nome de *Campo dos Martyres da Patria* ao campo dos morticínios de 23 de janeiro.



Bandas de musica percorrem já as ruas tocando o hymno da Carta. Foi preso um individuo que, esta noite, na Perspectiva Newski, soltou um viva à Republica. Brillantes illuminações.

OS DEPUTADOS POR LISBOA



CANDONGAI

